

Orientado segundo dispositivo estatutário pelo

2º Vice-Presidente

Conforme noticiamos no Boletim nº 4, realizou-se a eleição da Diretoria da nossa Sociedade, a qual ficou assim constituída:

Presidente	-	Dr. José Augusto Costa Junior
1º Vice-Presidente	-	Dr. Paulo Manzo
2º Vice-Presidente	-	Dr. Walter Buhler
1º Secretário	-	Julio Pessoa
2º Secretário	-	Boaventura F. da Cruz Filho
1º Tesoureiro	-	Cristovão Toste Coelho
2º Tesoureiro	-	Flávio H. Delavusta
(Carlos A. Botafogo		
Conselho Fiscal	-	(Arlindo G. Loureiro Coutinho
		(Prof. José de Fortunato Pinto
Suplentes	-	(Jorge I. Vitorio Capellaro
		(Waldick Pereira

No projeto de seu Estatuto, a Sociedade procurou atender a todos aqueles que nos têm estimulado com seu interesse pelo discutido assunto - Disco Voador - e, desse modo, fixou as seguintes categorias de socios.

CONTRIBUINTE - é o sócio que pode votar e ser votado nas assembleias e reuniões, estando sujeito a pagamento de jóia e mensalidade.

CORRESPONDENTE - é o sócio que recebe o Boletim, com direito de votar e ser votado.

INFORMANTE - é aquele que presta informações graciosas de interesse da Sociedade, não estando, porém, sujeito a nenhuma obrigação. Não poderá votar, nem ser votado.

Foi fixada em R\$ 50,00 a mensalidade dos sócios.

Finalmente, queremos comunicar aos nossos amigos que a Sociedade se reúne, semanalmente, às terças-feiras, às 20,30 horas, na Avenida Almirante Barroso, 78, 13º andar, sede do Clube Inapiários.

Ao fazer esta comunicação, queremos mais uma vez agradecer ao digno Presidente do Clube Inapiários, Dr. Luiz Bandeira, a atenção e boa vontade com que tem procurado atender sempre às nossas necessidades.

— ENTREVISTAS —

Com o objetivo de melhor informar aos seus leitores, fazendo-os conhecer a opinião que pessoas ilustres e de indiscutível valor moral formam a respeito dos Discos Voadores, resolveu o Boletim Informativo da Sociedade Brasileira de Estudos sobre Discos Voadores ouvir, a partir do presente numero, a palavra daqueles que cedam em honrá-lo com a sua colaboração nesse sentido.

O nosso entrevistado de hoje é o sr. Lullo Duncan de Lima Rodrigues, figura de prestígio em o nosso meio social e cultural.

Contabilista e ex-professor de matemática, ingressou o mesmo, através de brilhante concurso, no IAPI, onde ocupa posição de relêvo. Vem, outrossim, emprestando à Sociedade Brasileira de Estudos Sobre Discos Voadores, a inestimável cooperação de sua cultura e de sua inteligência.

À nossa primeira pergunta, "como e quando começou o senhor a se interes-

sar pelos Discos Voadores?", assim nos respondeu o Sr. Lullo:

"Sempre admiti a existência dos discos voadores como um fenômeno luminoso, natural, ou como um fenômeno subjetivo, de materialização do plano astral, por exemplo, de vez que a comunicação com os seus tripulantes se fazia mediante intercâmbio telepático.

Todavia, em agosto do ano passado, ao ser transferido do DNPS, onde me encontrava requisitado, para o IAPI, tive como substituto, naquele Órgão, um colega que, com a maior simplicidade, narrou-me o seguinte fato: era ele inspetor de trânsito nas estradas de rodagem em Porto Alegre, quando, à noitinha de um dia do ano de 1952, percebeu uma aglomeração de carros, e uma grande luminosidade em determinado local. Dirigiu o jipe do Serviço de Trânsito que guiava para a aludida aglomeração e, saltando, perguntou o que ocorria. Foi-lhe mostrado, então, um disco voador, de mais de 60 metros de diâmetro que, naquele momento, se ia pondo em movimento. Elevando-se, ocultou-se por traz de uma árvore e desapareceu em seguida.

A uma pergunta nossa sobre se havia feito algum inquérito entre os presentes, respondeu afirmativamente, declarando mais, que os tripulantes do disco pareciam haver procurado intercâmbio com os espectadores.

Adiantou, ainda, que, nas campanhas gaúchas, é comum a observação de discos voadores, podendo mesmo afirmar que entre 10 pessoas, 4 pelo menos já teriam visto essas estranhas naves.

A sinceridade de sua narrativa impressionou-me tanto que, ao deixá-lo, dirigí-me à livraria mais próxima, onde adquiri tudo o que havia, em português, sobre o assunto "discos voadores".

O primeiro livro lido foi o de George Adamski, "DISCOS VOADORES", e a declaração, em cartório público, daquelas seis pessoas, sedimentou, ainda mais, as minhas convicções, pois julgo de suma gravidade que semelhante afirmação pudesse ser mentirosa ou simplesmente fantasiosa.

Em virtude do que pude concluir de minhas leituras, convenci-me de, que os discos voadores são naves extraterrenas, e que a missão de que se incumbem é pacífica e em nosso benefício, principalmente.

- Já teve o senhor oportunidade de ver algum disco voador?

- Não vi nada que se assemelhasse a pontos luminosos ou a naves interplanetárias, muito embora observe frequentemente o céu, quer de dia, quer de noite, pois, como parte integrante da natureza, muito me empolga o espetáculo que ele nos proporciona, a cada instante."

PROFESSOR G. H. WILLIAMSON

CIPEX e GENA
2004

A nossa Sociedade proporcionou-nos interessante conferência do arqueologista G. H. Williamson, conceituado cientista americano, professor *em Universidade da Califórnia* e que já publicou os seguintes livros:

The Saucer Speaks - Os discos estão falando
Other tongues, other flesh - Outras línguas, outra gente
UFO'S Confidential - O segredo dos Discos
To Secret Places of the Lion - Lugares secretos dos leões
Road in the Sky - Estradas no Céu

A conferência foi proferida em inglês e traduzida por um dos membros da Diretoria.

O Professor Williamson quase que se limitou ao relato de fatos e poucas vezes foi necessária uma interpretação das suas palavras.

Citaremos a seguir os fatos mais importantes a que se referiu o Professor:

1 - Em 1952, em companhia de mais seis testemunhas, assistiu, a uma distância aproximada de duas milhas, ao celebre encontro de George Adamski, no deserto de Arizona, com um homem que teria vindo de Venus. Respondendo a uma pergunta do auditorio sobre o tipo de disco que teria sido então observado, esclareceu que se tratava de "charuto voador" (porta-discos), do qual se teria desprendido um disco que, quando mais próximo, havia sido filmado em cores, por um elemento do grupo de observadores. Mas o filme entregue depois pela Kodak, como o suposto revelado, estava completamen

te em branco. Um piloto da Força Aérea Americana teria afirmado posteriormente, em sessão pública, que a "aproximação e aterrissagem das naves celestes havia sido filmada, também, pela Força Aérea Americana."

2 - O Professor Williamson afirma que teria êle, bem como sua esposa, entrado em contato com os tripulantes de um Disco Voador, por intermédio de um amigo rádio-amador. Procurando comprovar o fato, o Professor argumenta:

CIPEX e GENA
2004

- a - que cerca de quinze pessoas participaram desta experiência;
- b - que as mensagens vinham do alto, como indicava a antena direcional;
- c - que algumas vezes eram vistos discos acima da antena;
- d - impossibilidade de serem as mensagens de fontes terrestres, uma vez que as perguntas eram respondidas ao serem apenas formuladas em redor da mesa do rádio-amador e antes mesmo que fossem transmitidas ao Disco pelo rádio. Acha o Professor Williamson que este fato prova que os homens do espaço dispõem de aparelhos eletrônicos muito superiores aos nossos, que lhes permitem captar os nossos pensamentos e palavras;
- e - todas as quinze pessoas que participaram desta experiência foram convidadas a trabalhar para o Governo Americano. Ressaltou, também, que o "trabalho aparentemente extenuante relacionado com este assunto teria causado a "morte cardíaca prematura" de um destes rádio-amadores que havia, apenas, iniciado o trabalho. Pensa o Professor que o desusado interesse demonstrado pelos círculos oficiais americanos por estes fatos é, também, uma prova da importância de que os mesmos se revestem;

3 - As escavações arqueológicas a que tem procedido o Professor Williamson, no Peru, levaram-no a afirmar que já em tempos pre-históricos (pré-incas), havia contato daqueles habitantes com os Discos Voadores que, numa linguagem pitoresca da época, eram chamados "deuses que vinham do espaço em rodas de fogo, por estradas traçadas do outro lado do céu". Estes contatos se teriam dado, de preferência, às vésperas de catástrofes, como teria acontecido na época do dilúvio, naqueles tempos remotos. Diz, ainda, que voltam os discos a aparecer em locais já por eles anteriormente visitados, conforme pôde verificar através das inscrições que teve oportunidade de estudar em uma de suas expedições. Esta parte da conferência foi ilustrada por projeção de dispositivos de lindos coloridos, onde se pôde verificar o adiantamento cultural daquele povo, através dos seus "Templos de Sol", construídos de enormes pedras, das suas "esculturas gigantescas" de leões, elefantes e outros animais talhados em rochas maciças. As enigmáticas linhas traçadas no solo, que se prolongavam por muitas milhas, indicam, possivelmente, um roteiro que só poderia ser utilizado por aparelhos que voassem a grande altura. Uma vez que nas imediações não há indícios da presença remota de serras e que na época não havia ainda aviões, o Professor é levado a concluir que seriam esses caminhos linhas utilizadas como guias pelos Discos, já que não havia possibilidade de serem eles vistos pelo homem da superfície do solo. O Professor procura relacionar o reaparecimento atual dos discos nestas mesmas paragens com o despontar de um novo Sol, o que poderá acarretar consequências imprevisíveis para o nosso sistema solar. Chega mesmo a afirmar que uma guerra atômica não teria piores consequências que esse acontecimento, o qual nem mesmo reduziria o homem ao retorno da vida primitiva nas cavernas e das lutas de "arco e flecha".

4 - Afirma o Professor Williamson que tendo perguntado, por meio do rádio, a diferença por acaso existente entre os homens dos Discos e os terrestres, teria tido destes a resposta de que, por poderem eles se chamar "MAN" (HOMEM no sentido alto da palavra), estariam procurando na Terra o "Human" (homem animal) - iu = tigre, em algumas línguas mortas. Sendo o "human" mais desenvolvidos entre nós e mais parecidos a eles, mais fácil se tornaria usa-los como instrumento de aproximação e comunicação.

5 - Encerramos este resumo lembrando as palavras do Professor Williamson: "MESMO QUE ALGUMA COISA RELATADA EM REFERÊNCIA AO DISCO NÃO CORRESPONDA EXATAMENTE À VERDADE, ELA SURGIRÁ, MAIS CÉDO OU MAIS TARDE, DE QUALQUER MANEIRA."

A assistência demonstrou grande interesse pela palestra do Professor Williamson, havendo mesmo dela participado ativamente, através das perguntas que lhe foram dirigidas frequentemente.

A Sociedade está de parabéns pela oportunidade de apresentar mais este brilhante conferencista.

* * * * *

CARROS PARAM PARA VER - Transtornado completamente com o espetáculo, que pela primeira vez presenciava em sua vida, o sr. Arlindo Alves dirigiu-se para o meio da estrada, onde ficou de braços abertos, gritando para que outros carros que passavam parassem e outras pessoas pudessem observar e constatar o fenômeno. Isso realmente aconteceu, tendo várias pessoas visto o misterioso aparelho, meio metro acima da terra, durante várias horas, sem entretanto, ninguém poder se aproximar em razão do forte calor que dele se desprendia.

POÍCIA NO LOCAL - O aglomerado de carros na Via Anchieta, logo à saída de São Paulo, impedindo o trânsito, provocou uma imediata intervenção da Polícia Rodoviária Paulista, tendo dois guardas, em motocicleta, partido de imediato, para o local a fim de apurar o que estava acontecendo. Chegando ao Km 8 daquela rodovia os dois guardas também não puderam conter sua estupefação ante o fenômeno que aparecia ali, visível aos olhos de todos. De imediato um deles comunicou-se por telefone com o Serviço de Engenharia do Departamento de Estradas de Rodagem de São Paulo, pedindo a presença de técnicos no local.

FOTOGRAFADO O DISCO - Uma equipe de engenheiros do DER partiu para o Km 8, constatando realmente a presença do Disco Voador à margem da estrada. Um dos engenheiros conseguiu bater uma impressionante fotografia da nave interplanetária, que se encontra em poder do DER, sem divulgação. Outro, ainda, munido de aparelhos especiais, conseguiu calcular o diâmetro do gigantesco disco: nada mais nada menos que 143 metros de diâmetro.

EVITOU O JATO - Algumas pessoas conseguiram ver através das janelas do Disco Voador o vulto de pessoas que se movimentavam dentro do aparelho, sem entretanto, descerem à terra. De repente, sem que ninguém soubesse da razão, o Disco movimentou-se lentamente, preparando-se para subir, o que realmente fez, segundos após. Menos de um minuto depois de ter subido lentamente e desaparecido por detrás de um morro próximo, passou pelos ares, a caminho de Santos, um avião a jato da Força Aérea Brasileira, a uma altura de 1.500 a 2.000 metros. Presumiu-se, então, que o Disco Voador, através do radar, pressentiu a aproximação do avião, desaparecendo por trás do morro, não querendo, ao que parece, ser forçado a atingir ou destruir o avião, caso fôsse pelo menos perseguido ou atacado."

DISCO VOADOR EM CAVARÚ - PARAÍBA DO SUL - "O Diário" de Belo Horizonte - 22/8/58.

No pátio da Escola "Horácio de Melo", uma aluna chamou a atenção da professora para uma "bola com cauda" que cruzava o céu, o que foi por ela observado. Reiniciada a aula "uma estranha luminosidade entrou, inexplicavelmente pela sala" e, em seguida, "uma luz ofuscante" fixou-se justamente na cintura da aluna que primeiro observou o objeto no céu. Esta luz ainda se movimentou pela sala de aula, após o que professora e alunos "sairam para o pátio em busca de uma explicação para o fenômeno". Lá verificaram que caía uma chuva de substância prateada, o que durou uns 20 minutos.

Muito nervosa com o acontecimento, confessa a professora não lhe ter ocorrido guardar uma porção do metal que caíra como chuva: entretanto, uma de suas alunas levou para casa um bocadinho da estranha substância.

DISCO VOADOR NO PARANÁ - "Diário de Pernambuco" de 16/8/58.

Na estrada "Curitiba-Paranaguá" foi visto, parado no céu, enorme Disco Voador que teria aproximadamente 100 metros de diâmetro. "Parecia um ovo, arredondado nas pontas e tinha umas janelas que se abriam e fechavam de tempo em tempo. Na parte de baixo eram visíveis enormes bolas e na parte superior uma espécie de chapéu bicudo na ponta."

Uma coisa parecida com fogo teria saído de perto das bolas e teria tido uma queda violenta, aproximando-se muito do solo. Pareceu que tirava uma fotografia, depois, subiu, desaparecendo no espaço.

CIPEX e GENA
2004

* * * * *

Constantemente várias pessoas nos perguntam que livros poderiam ler para se pôr a par daquilo que existe sobre Disco Voador.

A elas responderemos, limitando-nos a citar as publicações em português, sem qualquer intuito publicitário do autor:

- 1 - Discos Voadores - George Adamski - trad. da Editora Globo
- 2 - Contato com os Discos Voadores - Dino Kraspedon

- 3 - Num Disco Visitei Outro Planeta - Antônio Rossi
- 4 - A Ronda dos Discos Voadores - João Martins - "O Cruzeiro" de 3/5 a 7/6 pp
- 5 - O Mistério dos Discos Voadores - Luis Glauco Torres - "O Jornal" de 6, 8, 9, 11, 13, 15, 22, 30 e 31 de julho pp. e 10, 12, 14 e 16 de agosto pp.
- 6 - A Verdade sobre os Discos Voadores - Donald Keyhol - trad. de Carmela Pat ti Salgado.

* * * * *

APOIO DA IMPRENSA - É com grande satisfação que manifestamos de público nossos agradecimentos pelo apôio e simpatia de alguns brilhantes órgãos da nossa Imprensa, pela colaboração desinteressada ao divulgar assuntos relacionados com os objetivos da nossa Sociedade. Tornamos especiais estes agradecimentos, nesta Capital, a "O Globo", "O Jornal" e a "Última Hora", e em Recife ao "Diário de Pernambuco", pelas extensas e bem orientadas reportagens sobre o assunto DISCO VOADOR.

* * * * *

A Revista "IATE PAMPULHA", de Belo Horizonte, publicou interessante artigo do nosso amigo Húlvio Brant Aleixo, que gentilmente no-lo enviou. Tão interessante o achamos que, endossando o ponto de vista do autor, atrevemo-nos a transcrever o referido artigo, certos de que estamos, deste modo, contribuindo para uma boa difusão da maneira como é encarado o assunto Disco Voador.

A publicação mostra, também, que Disco Voador é problema de âmbito nacional e não somente de grupos isolados.

Eis o artigo :

CIPEX e GENA
2004

"IATE PAMPULHA" - Nº 4

Belo Horizonte, Junho / 1958

OS ÍNDIOS E OS DISCOS VOADORES

Húlvio Brant Aleixo
(Especial para "IATE PAMPULHA")

Era grande o alvoroço na Taba. Mais um índio vinha, agitado, relatar uma fantástica aparição de canoas no mar. Grandes, velozes e estranhas canoas que ele, como os demais que afirmavam ter visto, não sabia como descrever.

Não admira que no despontar do século XVI a esmagadora maioria dos selvícolas recebesse com incredulidade e chacota a repetição de tais notícias. As descrições que as "testemunhas" faziam dos misteriosos barcos não se casavam absolutamente com os conhecimentos técnicos dos peritos da tribo. Os indígenas que dominavam a técnica da construção de embarcações e os que estavam mais familiarizados com os segredos do mar, recebiam como se fossem insultos pessoais os depoimentos relativos a presença de gigantescos barcos navegando ao longo da costa.

- "Como ? - diziam eles. - Não existem árvores de troncos suficientemente grandes e largos com que se possa produzir as igaras descritas. E se existissem, faltariam os conhecimentos técnicos necessários para fabricá-las!"

Apesar destas restrições, as histórias sobre os estranhos fenômenos marítimos continuavam a circular de boca em boca, alimentadas pelas incessantes manifestações de novas testemunhas. Algumas delas chegavam a afirmar terem visto os grandes barcos se aproximando da costa para descarregar na praia seres de incrível aparência, seres que de humanos tinham apenas a forma, discernível através de espessos envoltórios de cores, bizarras, a lhes cobrir os corpos. As suas horrendas faces, parcialmente recobertas por longos pêlos, tinham a cor palida da areia, assim como as suas mãos, que invariavelmente portavam esquisitos objetos. Estes objetos, quando apontados para algum animal, tinham o poder de fulminá-los a distância, com um terrível ruído de trovão! Após cuidadosos e discretos exames na orla das matas, os estranhos seres retornavam as suas canoas, sobre as quais se empinavam incompreensíveis cobertas, brancas como a espuma das ondas.

Naturalmente, a multiplicação desses boatos começou a preocupar o cacique e os demais chefes da tribo. Alguns indígenas tinham a petulância de afirmar terem entrado em contato direto com os seres brancos. Isso já era demais !

Em reuniões secretas, o Conselho da tribo, composto pelos homens mais

respeitados pelo seu saber e experiência, iniciou a discussão de todas as hipóteses que pudessem explicar as aparições, a fim de tomar uma orientação face a avalanche de depoimentos. A maioria não chegava a admitir nenhum vislumbre de veracidade nas histórias. Era tudo mistificação ou obra dos maus espíritos (naquela época não se falava ainda em "psicose", muito menos entre os indígenas...)

Mas sempre havia aqueles que, após terem coligido informações e comparado cuidadosamente os depoimentos, inclinavam-se a acreditar na realidade das aparições dos grandes barcos e seus homens brancos, a despeito da falta de provas definitivas. Entre esse grupo, duas correntes surgiram. Uma, dos que admitiam serem os barcos oriundos de tribos mais progressistas.

- "É impossível que todos estejam a mentir ou a se enganar" - diziam. "Os grandes barcos devem existir e são, provavelmente, inventos secretos das tribos X ou Y, de cujos grandes progressos nossos espias nos têm dado conhecimento".

Todavia, os da outra corrente já estavam convencidos de que mesmo as tribos mais avançadas não tinham, nem de longe, capacidade para fabricar embarcações daquele porte e características. Ademais, julgavam que não se podia desprezar as contínuas referências aos homens brancos, bem diferentes dos nativos da terra. E concluíam:

- "Os barcos devem vir de outras terras, situadas além das grandes águas e, certamente, são tripulados por uma raça muito mais sábia do que a nossa".

Este raciocínio, como era natural, não agradou à maioria dos membros do Conselho, que considerava absurda, face aos seus profundos conhecimentos, a simples menção a possíveis terras habitadas, para além do mar.

- "Quando subimos aos mais altos montes da costa, nada avistamos nos confins do mar. Nossos mais destemidos navegantes, explorando bem longe da praia, nenhum sinal de terra encontraram, apenas a furia das águas e dos ventos e a ameaça dos terríveis monstros que ali habitam. Ainda que houvesse terra habitada do outro lado, ninguém conseguiria vencer as enormes distâncias e os insuperáveis perigos do mar. Ai estão os fatos. Qualquer argumentação além destes fatos é pura fantasia, que não deve se abrigar em mentalidades evoluídas como as nossas". Estes, os termos em que a "ciência oficial" da tribo colocou a questão.

Naturalmente, os europeus que pela primeira vez exploravam as terras deste Continente não sabiam que sua presença causava tantas discussões no fundo das mentes...

Aliás, eles próprios se admiravam de avistar nativos por estas bandas ig notas. "Como esse povo veio pararaquí?". O fato é que continuaram se aproximando, fazendo paciente levantamento de toda a costa, selecionando pontos estratégicos para, finalmente, desembarcar de seus veleiros e começar a conquista de uma terra tão rica e dádiosa. O que foi essa conquista e como terminaram as discussões dos índios, não é preciso dizer...

* * * * *

Afinal, que têm a ver os índios e os veleiros do século XVI com os "discos voadores" do século XX? Nada, absolutamente nada. Foi por um lapso que os discos voadores entraram no título desta crônica. Até porque não se deve falar de algo que não existe. A maioria dos nossos sábios, cientistas e pagés já não impugnaram a existência desses intrusos? Não importa que milhões de pessoas de todas as tribos da Terra os tenham visto e que milhares destas pessoas estivessem - antes de prestar os seus depoimentos, é óbvio - classificadas no rol de criaturas idôneas e qualificadas para fazer observações corretas. Que importam as fotografias, as indicações dos radares, as marcas deixadas no solo e uma série de outras manifestações que os discos nos têm proporcionado, um pouco em toda a parte? Provavelmente, tudo isso é coincidência, ilusão ou fenômeno atmosférico ainda incompreendido. O mais e grosseira mistificação, charlatanismo, etc.

Mas... já que os "discos" parecem não tomar conhecimento de nossa opinião e insistem em continuar aparecendo, contrariemos um pouco a palavra de ordem da nossa "ciência oficial", para fazer-lhes uma última concessão: eles existem, mas terão de ser da Terra mesmo. Algum milagroso invento de alguma tribo dominante. Porém, virem de outro planeta, isso não podemos consentir!

- Ouviram, seres indiscretos que controlam os "discos voadores"? Como vocês insistem em se mostrar, vá lá que existam. Mas decretamos que vocês sejam deste planeta. Já vasculhamos todo o céu com telescópios gigantes e eles nos demonstra-

ram que não pode existir vida inteligente como a nossa em seus planetas. E se houvesse, como conseguiriam vocês atravessar o Espaço antes de nós, os Reis do Universo? Impossível!

Já evoluímos muito, ganhamos uma mentalidade científica, objetiva. Qualquer argumentação fora dos nossos atuais conhecimentos é pura fantasia. Nossos "Sputniks" já rondam a fímbria do Espaço Sideral, que havemos de conquistar! Já entramos na Era Atômica e conseguimos fabricar maravilhosas bombas que matam milhares num abrir e fechar de olhos! Sabem lá o que é isso? Progresso tremendo, inigualável!

E agora vêm vocês, com pinta de seres de outro mundo, ameaçando modificar nossas verdades científicas, interferir em nossos negócios, em nossas santas guerras e ferir de morte o justificado orgulho que sentimos pela nossa condição de únicos Reis do Universo!

Vocês não podem ser de outros planetas. Ouviram? Ou são da Terra ou não existem. Escolham! "

M E S A R E D O N D A

Realizada em 27 de agosto de 1957

CIPEX e GENA
2004

(Cont. do nº 4)

8 - Dada a superioridade técnica dos homens dos discos, por que eles não procuram conquistar-nos, matar-nos ou, pelo menos, impor-nos uma esfera de influência?

R - Dr. José Augusto - Como já disse, tenho-os como pacíficos, animados dos mais nobres propositos. Não esqueçamos que o hábito, comum às maiores nações da Terra, de subjugar e escravizar as menores, não é senão um resquício dos tempos barbaros. Em outras palavras, ausência de verdadeira civilização.

- Ora, uma humanidade realmente avançada e civilizada não usa tais processos, porque incompatíveis com a dignidade humana, com o respeito que todos se devem e com a obediência à Lei de Deus.

Por essas mesmas razões, não creio que, por mais nobres que fôssem os seus objetivos, povos realmente superiores, como julgo serem os que usam os discos, fôssem capazes de nos impor, pela força, o estabelecimento de uma esfera de influência. De resto, seria pouco inteligente tal política, porquanto a força bruta não é o melhor elemento de convicção. Quando empregada sobre um povo como argumento único, ou maior, os resultados são sempre precários.

Aqui, na Terra, costumam as nações mais poderosas criar nas mais fracas esferas de influência, pela força das armas ou da economia, sempre com o objetivo de auferir vantagens materiais ou políticas.

Não creio que os homens dos discos tenham tais objetivos. Como disse, o propósito deles deve ser apenas o de fazer o bem, de nos auxiliarem, esperando para isso, como é natural, que também façamos a nossa parte.

* * *

C I Ê N C I A C Ó S M I C A

(Cont. do Boletim nº 4)

5 - SÃO OS VIAJANTES DO ESPAÇO SEMELHANTES A NÓS?

Sim. Nossos ensinamentos espirituais dizem-nos que na Terra somos criados à imagem e semelhança do Criador. Desde que isto seja verdade e que este Criador é o Pai do Cosmos e tudo que nêle se contem, não serão as SUAS crianças de outros quartos da SUA "casa de muitas mansões" também iguais a nós? Na Terra há variedades humanas em tamanho e em cor; esta mesma variedade se observa em outros mundos. Mas, enquanto nos dividimos estas cores em raças os moradores de outros planetas glorificam o PAI em SUA sabedoria por produzirem tão variados tipos à SUA semelhança.

Ninguém é julgado pela sua aparência externa mas, sim, todos são respeitados pela centelha divina que trazem em si.

Os viajantes do espaço são idênticos a nós: a única diferença é que eles têm uma mais profunda compreensão de si mesmos e do Cosmos em que todos nós vivemos. Também nós, quando aprendermos a viajar pelo espaço teremos a concepção de Cosmos infinitamente alargada.

* * *

6 - PRESTAM OS VIAJANTES DO ESPAÇO AUXÍLIO À ALGUMA SOCIEDADE DA TERRA EM PARTICULAR?

Não. Porque isto implicaria num estímulo ao nosso sistema de divisão e eles não a admitem em nenhuma espécie. Eles compreendem que a vida é eterna e que cada pessoa nasce para cumprir um determinado destino; cada um deve adquirir seus próprios conhecimentos quando viaja pelos caminhos da vida.

Muitos já dominam a lição que outros ainda precisam aprender mas estendi do diante de todos está o longo caminho, sem princípio nem fim.

Portanto, todos são respeitados igualmente. Dêsse modo, eles não têm preferência, nem conceito especial por nenhuma de nossas sociedades.

* * *

Correspondência em nome da Sociedade para os endereços abaixo:

DR. JOSÉ AUGUSTO COSTA JUNIOR - Rua Voluntários da Pátria, 115 - casa 5.

DR. LUIZ MANZO - Rua Almirante Alexandrino, 200 - Apartamento S-102

DR. WALTER BUHLER - Rua Joaquim Nabuco, 185 - Apartamento 210

Me. Carlos Alberto Machado - CIPEX Centro de Investigação e Pesquisa Exobiológica - Caixa Postal: 24.555 - Curitiba Paraná -Brasil -
Cep. 81.570-971